

REVISTA DE EDUCAÇÃO

JULHO A DEZEMBRO

VOLUME XXX

1943

Nos 40 e 41

SÃO PAULO — BRASIL

SUMÁRIO

	Pág.
Sud Mennucci — Ler em seis horas	3
Joaquim Moreira de Sousa — Uma lição de Guerra sobre a Educação Rural	5
Máximo Moura Santos — Ensinar a Ler	20
Maria Antonieta de Castro — A Educação Sanitária nas Escolas	24
Paulo Monte Serrat — O que penso do Ensino Rural	35
Francisco Faria Netto — Educação Supletiva	40
Oscar Augusto Guelli — Programa de Educação Cívica	45
Kairundo Pastor — O Professor Rural	48
Olavo de Carvalho — O problema do Ensino Primário na Zona Rural Comum	56
Izabela de Carvalho — Mens de Lettura	60
Auxiliares Técnicas da Assistência Técnica do Ensino Primário — Jaz- gins da Infância no Estado de São Paulo	63
Newton de A. Melo — Os que só almoçam	63
Urbana Abs — O desenho como fator educativo nas Escolas Primárias	71
J. Clozel — Prática de ensino nas escolas de professores	74
Oscar Vilaga — O ensino secundário	77
Matilde Brasileira — A leitura para aquisição de vocabulário	81
N. Sousa Pinto — A aprendizagem e as crianças anormais	84
João Rangel — Considerações e sugestões sobre o ensino primário em núcleos estrangeiros, especialmente japoneses	92
METODOLOGIA	
Geraldo Pinheiro Faria — O Sistema Decroly	100
Adauto de Oliveira Serra — Método Ideo-visual para o ensino de let- tura, segundo Decroly	105
Cajaci A. Wanderley — Preparo de Lições	112
Mário Pereira Bicudo — Sugestões para o Ensino de História	114
Leontina Silva Bush — Plano de Ensino de Puericultura para o 4. ^o ano primário	118
Maria Helena Prestes Barra — O Ensino da Linguagem no curso pri- mário	123
Vicente Peixoto — A linguagem oral no 4. ^o ano primário	136
FATOS E INICIATIVAS — Posse do novo Secretário da Educação e Saúde Pública, 139. — Prof. Sud Mennucci, 142. — Diretoria do Serviço de Saúde Escolar, 143. — O Serviço de racionamento e o professorado, 143. — Jornais e revistas escolares, 144. — Insti- tuições particulares de ensino, 144. — Caixas escolares, 145. — Bol- sas de estudo para auxiliares de alimentação, 145. — Campanha da borracha reaproveitável, 148. — O escotismo em Jundiaí, 150. — Pesquisa escolar, 152. — Grupo Escolar de Porto Ferreira, 155. — Livros e publicações, 159.	181
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
ATRAVÉS DE REVISTAS — Desenho Infantil, 166. — A Escola Ru- ral, 167. — Ensino Rural em Sergipe, 168. — Músico Ruralista Es- colar, 168. — Um documento curioso na história do café brasileiro, 169. — A sra. Mosca e a sra. Ferralongo, 169. — A teoria dos "Quatro tipos fundamentais de Desenhos", 171. — Ortografia, 172. — Portugal Descobridor, 175. — Quem descobriu a América?, 177. — As cidades mais importantes do Estado, 179. — O Ensino Nor- mal e o Litoral, 180. — Um Serviço importante, 182. — Escola pele Ar, 183. — Cuba institui a "Semana da Educação", 183. — Costa Rica e as Bibliotecas Públicas, 183. — Instituto de Nutrição do Escolar, 183.	184
BIBLIOGRAFIA	187
MÚSICA E POESIA ESCOLAR	191
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — Circulares	222
LEGISLAÇÃO ESCOLAR	222

O Desenho como fator educativo nas Escolas Primárias

URBANA ABS

(Adjunta do 5.º Grupo Escolar de Ribeirão Preto)

O desenho, que à primeira vista nos parece trabalho puramente mecânico, é, entretanto, operação mental e analítica eminentemente educativa na escola.

Essa disciplina tem sido mal compreendida por muitos professores. Por comodismo ou falta de boa vontade (com a desculpa imperdoável de "não ter jeito"), descuram-se dela.

Na escola primária, a finalidade do desenho não é, está claro, formar artistas; por isso, o professor não tem de se preocupar com o objetivo perfeição. Encará-lo como linguagem e não como arte, utilizando-o num jogo fácil e atraente, capaz de interessar a criança, educando-a em meio de alegria e vivacidade.

A criança, desde tenra idade, procura dar forma aos seus sentimentos, procura representar aquilo que viu e a impressionou. Quando encontra um lapis, giz ou carvão, tenta logo rabisar o retrato da mãe, da boneca ou da bola. (1) Por que não aproveitarmos esse meio de expressão, tão natural? O bom professor não impede, desde os primeiros dias de aula, que seus alunos rabisquem à vontade, levando para o papel as imagens que lhes passaram pela mente.

Assim rabiscando, dão desenvolvimento às faculdades motoras, de imaginação e de observação. A imposição aborrece-os. O que lhes agrada é a escolha do motivo a seu bel prazer. O professor apenas orienta. Isto é o que nos aconselha a psicologia. Com o tempo, manifesta-se a curiosidade para o estudo do natural e então o mestre atento sugerirá os primeiros modelos, simples, ao alcance da classe. Nada de detalhes e absoluto respeito à personalidade infantil. Não importa que apareçam muitos trabalhos mal feitos porque não são os desenhos em si que interessam, mas a expressão do desenho da criança: visamos a parte educativa.

Como linguagem que é, e mais eloquente que a falada e escrita, empregamo-lo na expressão concreta do aprendizado. Acompanha todo o ensino para dar-lhe vida, despertando a atenção e facilitando a dissertação do professor.

As figuras em traços rápidos (desenho pedagógico) constituem, sem dúvida, um excelente auxiliar do ensino.

Assim, na aula de leitura, a classe regista a lição no caderno

diário e desenha uma ilustração de acordo com o assunto. (2)

Na aula de cálculos, o mestre explica, desenhando objetos (frutas, pássaros, crianças disputando fatias de bolo, árvores etc.). (3)

Nos trabalhos de linguagem, o desenho rápido tem extraordinária influência. Desenhada, por exemplo, uma cena muda, no quadro, a classe interpreta-a falando ou escrevendo. (4)

Se for de geografia o assunto, então o desenho é absolutamente indispensável na representação gráfica da terra com seus múltiplos e variadíssimos acidentes. As primeiras aulas serão os trabalhos de cartografia, os quais no futuro terão seguramente o desenvolvimento que permite ao homem representar, estudar e conhecer ideologicamente aquilo que o sentido visual não pode alcançar. (5)

Uma aula de história despida de desenhos rápidos, é monótona, árida e nenhum menino lhe presta atenção.

Frequentemente, ouvem-se de professores queixas como estas: "Sempre detestei história quando estudante, e agora acho horrível ensiná-la. A criança não aprende história!" Não, não é tanto assim. O professor, ao invés de falar baixo ou aos berros e gesticular com uma régua ameaçadora, tome do giz, fale pouco e desenhe muito. Mande a classe reproduzir um assunto histórico por meio do desenho pedagógico. Notará então um entusiasmo geral. (6)

No ensino de ciências físicas e naturais não se pode prescindir do desenho. O professor, explicando, desenha parte por parte do todo que tenha sido tomado para assunto. (7)

Na geometria, a criança desenhando aprende a combinar as diferentes figuras geométricas, formando estrelas, ladrilhos, rosáceas, animais, etc. (8)

Na aula reservada exclusivamente ao desenho, haverá, como já foi dito, liberdade na escolha do motivo. Cada qual traz de casa o modelo: folhas, flores, frutas, brinquedos, executando-se então o desenho do natural, com a orientação do professor, que nunca abandona a classe nem exige perfeição.

O desenho de memória será dado depois de se ter recomendado à classe que observe o modelo fora da escola.

Entendemos que a cópia de estampa deve ser banida. É comum verem-se diante dos discípulos folhinhas, quadros ou telas. Há nisso um erro, que se torna mais grave quando o docente, revelando impatriotismo, lhes apresenta panoramas estrangeiros. É imperdoável na escola, onde se plasma o espírito

dos nossos pequenos patricios, o esquecimento de que todos os trabalhos escolares se devem revestir de um cunho de brasilidade. Não olvidemos que a aula de desenho o é também de educação cívica, e coloquemos sempre a criança diante da natureza pindorâmica, prodigiosamente bela e rica. (9) e (10)

Será um criminoso o professor que cuidadosamente não combater essa tendência, esse nosso fracasso de admirarmos e copiarmos muito o que é exótico, desprezando as nossas cousas.

Na confecção de trabalhos manuais, aproveitam-se também os desenhos das crianças. Desenhada, por exemplo, uma folha, compõe-se um frizo que se passa para o barro, tábua, pano ou vidro. Com o desenho aplicado ao manualismo, o aluno compreende a sua utilidade e entusiasma-se. Não é raro observarmos nessas aulas a floração de belas vocações profissionais, a revelação de futuros técnicos das indústrias. A escola mostrará que podemos ter uma arte genuinamente brasileira, inspirada na nossa opulenta natureza, onde encontramos os mais belos e bizarros motivos. (11)

Uma boa exposição de fim de ano deve mostrar a atividade e o desenvolvimento mental de cada aluno, pois o que ali está foi pensado e executado por eles, transparecendo o trabalho de inteligências vivas.

O desenho na escola primária não visa, repetimos, formar artistas; fora de dúvida é, entretanto, que essa disciplina desperta as emoções estéticas e artísticas da criança. Cabe ao professor distinguir, estimular e encaminhar as vocações encontradas nos bancos escolares primários.

Sabemos que neles, às vezes, se revela o embrião de verdadeiros gênios da arte.

Finalmente:

- a) O desenho é fator primordial de educação, encará-lo como linguagem e não como arte.
- b) Todas as aulas devem ser ilustradas.
- c) Na aula de desenho convém que haja liberdade de escolha.
- d) Nenhum professor pode alegar que "não desenha porque não sabe desenhar". Se não sabe desenhar ao menos um pouco, não é um professor.
- e) Visto como o desenho é um ótimo e indispensável meio de transmissão, deve o ensino dessa matéria ter nas escolas normais orientação pedagógica de acordo com a necessidade dos futuros preceptores.